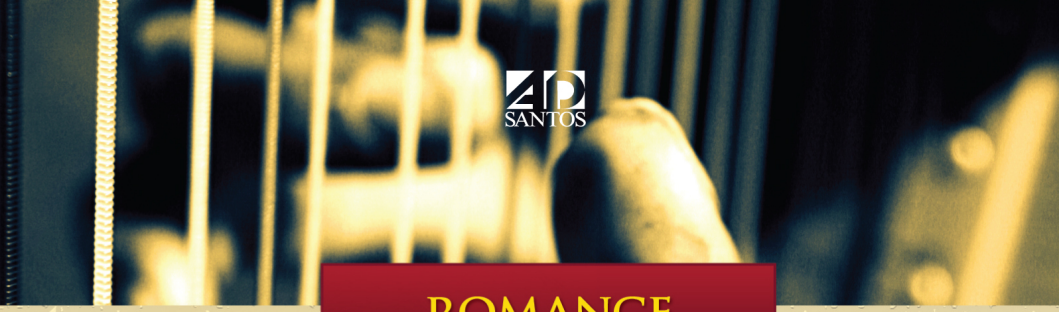


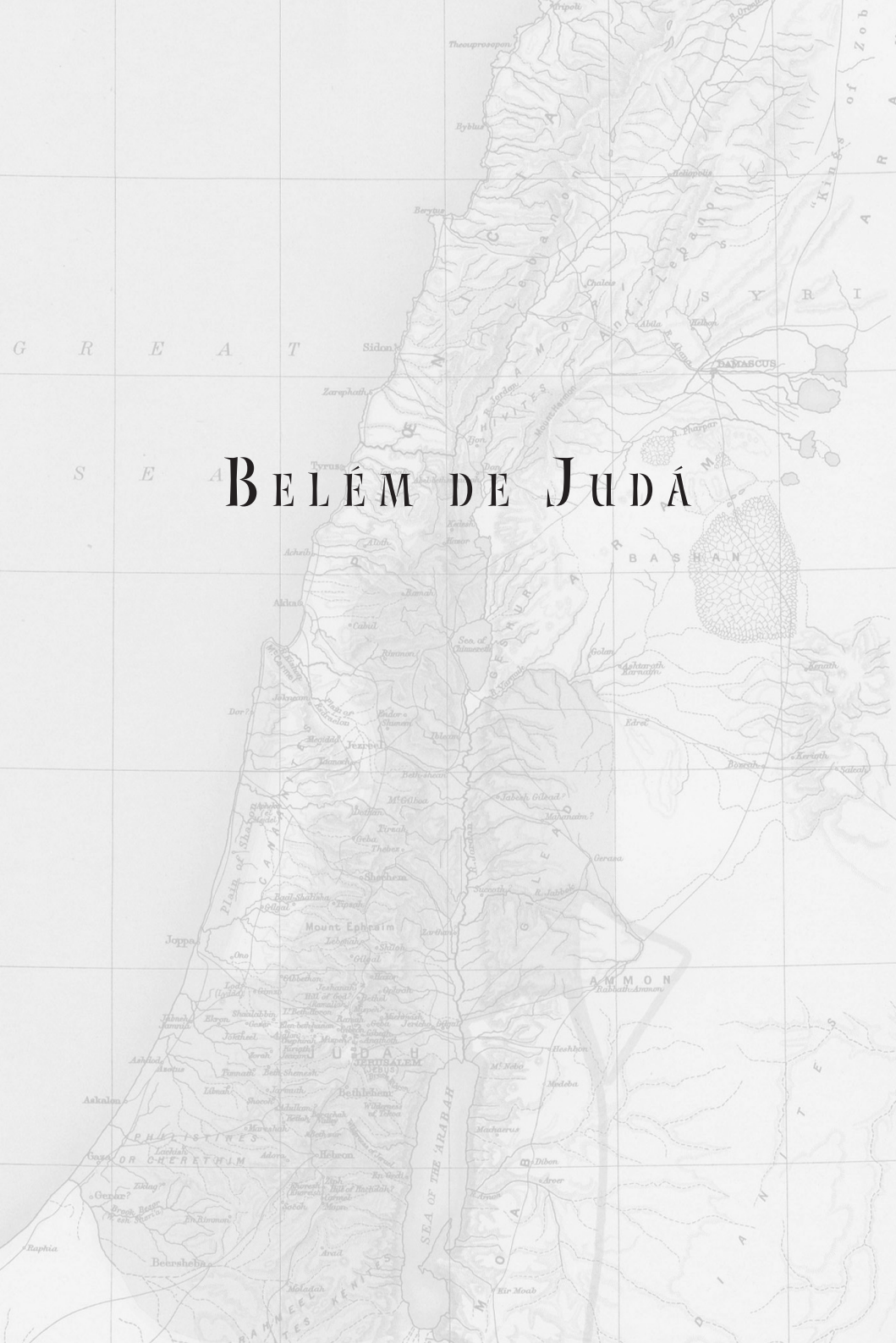
SANTOS

ROMANCE

# DAVI

## O HOMEM QUE DEUS ACHOU

FRED BARROS


Tripoli
Theouprosopon
Byblus
Berytus
Heliopolis
Chalcis
Abila
Philoteria
Sidon
DAMASCUS
Zarephath
Tyrus
Dora
Ptolemais
Achrib
Aituh
Akkaron
Bamah
Cabul
Sea of Chinnereth
Golan
Ashtaroth Karnaim
Edrei
Kenath
Dor
Endor
Shunem
Jezreel
Tabor
Bethshean
Beroth
Zereth
Salcah
Mt. Gilboa
Jabesh Gilead?
Mahanaim?
Thebez
Gerasa
Shechem
Succoth
Joppa
Ono
Mount Ephraim
Lebonah
Shiloh
Gilgal
Zarthan
Lydda (Lod)
Gezer
Jeshanah
Bethel
Ophrah
Elasa
Michmash
Jericho
Ajalon
Mizpeh
Jerusalem
Ashdod
Asotus
Ekron
Beth-Shemesh
Mt. Nebo
Heshbon
Askalon
Libnah
Jarmuth
Bethlehem
Medeba
Lachish
Adoraim
Hebron
Macharus
Gaza
Dibon
Aroer
Arnon
Raphia
Beersheba
Arad
Kir Moab
Malatha
Rabbath Ammon
PHILISTINES
JUDAH
AMMON
MOAB
BASHAN
GILEAD
GOLAN
TRACHONITIS
ITURAEA
SEA OF THE ARABAH
Plain of Sharon
Plain of Acco
Brook Besor
Ziklag
Ain Rimmon
Borcath
Ain Shoresh
Beth Hacherem
Gath
Mareshah
Hebron
Zorah
Eshtaol
Timnah
Libnah
Shocoh
Adullam
Keilah
Wilderness of Judea
Wilderness of Tekoa
Engedi
Machaerus
Dibon
Aroer
Arnon
Kir Moab
Malatha
Rabbath Ammon
Heshbon
Medeba
Jericho
Jerusalem
Bethlehem
Hebron
Beersheba
Gaza
Ashkelon
Ekron
Ashdod
Joppa
Lydda
Ono
Gezer
Ajalon
Gibeon
Mizpeh
Gilgal
Shiloh
Bethel
Ophrah
Michmash
Jericho
Zarthan
Succoth
Shechem
Thebez
Tirzah
Tabor
Jezreel
Endor
Shunem
Dor
Ptolemais
Achrib
Aituh
Akkaron
Bamah
Cabul
Sea of Chinnereth
Golan
Ashtaroth Karnaim
Edrei
Kenath
Beroth
Zereth
Salcah
Gerasa
Jabesh Gilead?
Mahanaim?
Mt. Gilboa
Beth-Shemesh
Eshtaol
Zorah
Timnah
Libnah
Shocoh
Adullam
Keilah
Wilderness of Judea
Wilderness of Tekoa
Engedi
Machar

Os olhos incandescentes do gigantesco guerreiro flamejavam uma ira incomum na perseguição ao homem encorpado que corria desesperadamente à sua frente. Descendo pelo desfiladeiro coberto de sombras escuras, o guerreiro exótico era um vulto peludo e disforme. Seu rosto, desfigurado e vil, não podia ser mirado mais que um segundo pelo homem perseguido se arranhando em galhos secos, à medida que descia aquelas encostas embrenhadas de mato e pedra. O homem suava frio, respirava ofegante e gemia na mesma intensidade de seus passos ágeis. No entanto, o guerreiro crescia em seu encalço e ficava maior e mais apavorante a cada galho vencido. O céu, um negrume só, denso e pesado, como nenhum céu noturno jamais fora. A espada do guerreiro, suja de sangue e cheia de dentes, desejando alcançar as costas do homem desesperado, riscava o ar e sibilava, produzindo um barulho oco. De repente, um arranhão profundo no braço esquerdo fez o homem contorcer-se em dores ao mesmo tempo em que encheu de gemidos a névoa fria, e a vista ofuscou-se enquanto o rosto suava tanto. Como lavas de um vulcão emergindo do solo fervente, o pavor cresceu dentro do homem cheio de músculos. Náuseas lhe contorceram o estômago, a dor, aguda como a espada de um filisteu, subiu-lhe freneticamente pelo peito.

Quando o desfiladeiro terminou num emaranhado de rochas lisas, o único recurso do homem foi deter-se de frente para o guerreiro horrendo, tentando a impossível escalada do paredão de rochas com as costas largas e musculosas. Bem diante do homem trêmulo,

o guerreiro rugiu e o grito cavernoso irrompeu nos limites da noite densa. A sensação apavorante que o rugido produziu no homem: indescritível. Empalidecido e entregue ao medo mais alucinante o homem viu a espada do guerreiro subir no ar e crescer bem acima de sua cabeça. Ali diante dele, a morte se apresentou fria e indelével. Num estresse de corpo e alma o homem não conseguiu conter o pavor portentoso que explodiu dentro dele, apenas fechou os olhos com toda a força das sobrancelhas e gritou com os pulmões enfraquecidos um pálido som, enquanto a espada brilhante desceu pelo ar gélido bem de encontro à cabeça do homem amedrontado.

Antes que a lâmina lhe encontrasse o crânio, Saul, o rei de Israel, formoso de porte e semblante, despertou. A veste toda ensopada, tão real o pesadelo. De súbito, sentou-se sobre um amontoado de almofadas colocadas no canto esquerdo da tenda real armada num vale fértil e estreito, às margens de um ribeiro veloz, cujas águas eram as únicas num raio de muitos sábados de jornada.

Foi preciso quase um minuto para os ouvidos do rei absorverem a melodia que saía de uma rude harpa. Dedilhando as cordas presas ao cipreste, um jovem ruivo, cuja silhueta magra refletida pela labareda da lâmpada de azeite, tremulava no grosso pano lateral da tenda. Aos poucos, Saul retomou a respiração pausada, deixou de suar e olhou demoradamente para Davi. Como eram agora imprescindíveis os dedos daquele pastorzinho de ovelhas a dedilhar-lhe a harpa nas horas da noite para aliviá-lo de seus constantes pesadelos, pois o Espírito do Senhor havia se retirado de Saul desde que sua rebeldia tornara-se voluntariosa ao extremo. O espírito maligno enviado por Deus para atormentá-lo preferia assediá-lo sob o manto noturno, por essa causa já fazia semanas que Davi não dormia em outro lugar a não ser na tenda real. Saul se agradara tanto do jovem de gentil aspecto, forte e destemido, que lhe fora enviado de Belém, que pensava fazer dele o seu escudeiro, ainda mais que Davi era tão bom empunhando armas quanto tocando um *kinor*.

Lá fora, envolvido pelo brilho esplendoroso de estrelas sem conta, o acampamento dos israelitas, espalhados como gafanhotos, cobria todo o vale. A claridade do amanhecer que se aproximava daria lugar a mais um combate corpo a corpo, espada a espada, golpe a golpe, homem contra homem, com os incômodos filisteus.

Assim que o rei voltou ao sono, Davi, harpa sob o braço, levantou-se e à entrada da tenda inspirou o ar frio da madrugada, tão frio como só o rosto de um israelita do campo podia suportar. O jovem atravessou todo do acampamento, marcando com as sandálias a relva coberta de orvalho de um denso bosque de carvalhos. Com a ajuda da vista de pastor, aguçada e acostumada com a intensidade da noite, ele escalou a encosta do monte que margeava o vale e ali sentou-se numa pedra lisa. As tendas de seus irmãos aos seus pés não formavam desenho algum, e sim, um emaranhado confuso. O exército móvel do rei Saul compunha-se de homens convocados para cada batalha. A corporação fixa não tinha mais do que três mil guerreiros, e somente com ela, Israel não venceria inimigo algum. Como em outras guerras, assim também ocorrera naquele vale, os camponeses deixaram suas famílias nas aldeias e campos e foram chegando em pequenos grupos, ajuntando-se aos guerreiros do rei. Por isso, as tendas armadas a esmo, sem qualquer ordem, espalharam-se por todo o vale. A única precaução levada a cabo pelo corajoso Abner, o comandante do exército de Israel, foi armar a tenda real bem no centro do acampamento, cercada pelos melhores guerreiros.

Davi olhou as várias fogueiras que aqueciam os sentinelas contrastando com as estrelas, colocou a harpa sob as pernas, cobriu-se com uma colcha de peles de cabras, estendeu os braços sobre os joelhos e pôs-se a assobiar um cântico antigo, enquanto lembranças povoaram-lhe a mente juvenil.

Belém de Judá tinha o cheiro do campo, de alecrim, de arbustos silvestres, de mandrágoras e de cevada. Davi crescera entre videiras, parreirais, campos de cevada e trigo, pastos de ovelhas, manje-

douras e rudes moinhos. O berço do jovenzinho foi nessa aldeia assentada num ajuntamento de férteis colinas. Jessé, seu idoso pai, ainda era um belemita respeitado por toda a população, e apesar de, desde a meninice de Davi, a família morar numa modesta casa no alto do lugarejo, Davi sempre preferira o campo. Mesmo antes de ser um menino, já tinha um gosto intuitivo pelo ofício do pai. O pastoreio encantara-o desde a primeira vez em que, franzino e magricela, fora levado a uma pastagem de ovelhas e à medida que crescera, os momentos mais belos da vida do jovem ruivo tinham sido vividos no campo entre ovelhas. A primeira vez que dedilhou um *kinor*, a harpa que ele mesmo confeccionara, foi numa noite solitária, como tantas outras, enquanto vigiava o pequeno rebanho do pai. Por muito tempo, Davi tocou para Deus e as estrelas e mais ninguém, apenas acompanhado pelo canto dos pássaros e os sons dos animais noturnos.

Havia pouco tempo que a sua vida mudara de repente. O mundo novo da rústica realeza de Saul era recente para ele e desde que sua presença fora requerida pelo rei, seu momento mais prazeroso era assentar-se em calma solidão contemplando o esplendor do céu noturno enquanto meditava na presença daquele que havia criado toda aquela maravilha que pairava brilhante, escura e insondável sobre a sua cabeça.

Sempre era um orgulho demasiado e um sinal da benção de Deus um israelita ter um filho homem, mas pelo fato de ser o último descendente masculino de Jessé, ruivo, e não ter físico robusto, desde cedo Davi havia sido um pouco desconsiderado pelos pais e irmãos mais velhos, esses, muito mais fortes do que ele, se bem que suas irmãs Zeruia e Abgail lhe devotavam certo carinho. Por isso, estimava mais ainda o campo, preferia passar os dias e as noites na solidão e agruras do pastoreio do que na rudimentar convivência da família, sem contudo, como todo jovem de Judá que se prezava, desrespeitar os pais ou desmerecer a família. A raiva que às vezes o acometia por causa do desprezo familiar que lhe era dirigido, ele a

enxotava com canções dedilhadas em sua harpa sob o manto esplendoroso de noites solitárias e inesquecíveis.

Enfrentando madrugadas frias, tempestades, ataques de animais selvagens, caminhadas íngremes e difíceis, e atravessando vales e montes escarpados, foi que ele aprendeu a conviver com Deus, a solidão e a música. No campo, acampado sob uma manta de peles de cabras foi que ele confeccionou seus primeiros e rústicos instrumentos musicais. Também entre pastagens e flores silvestres um sonho construiu-se pouco a pouco em sua alma juvenil. Percebendo a melodia constante que as flores, árvores, pássaros, bosques, estrelas e animais lançavam no ar, concluiu, que, na verdade, a criação que o cercava nas horas de pastoreio de fato louvava ao Criador, Jeová, o Senhor, o único Deus, o Deus de seus pais e de sua nação. E o que mais encantava Davi, era como a alegria em entoar tal sinfonia de louvor aumentava após uma chuva diurna, quando crescia a melodia de agradecimento dos pássaros e flores. Para a alma poética de Davi, dia e noite, toda a criação louvava assim ao Senhor, e aquilo impulsionava o seu sonho mais ardente: se em algum canto de Israel, no campo ou na cidade, houvesse um lugar em que continuamente, sem interrupção alguma, músicos tementes a Deus, dedilhando os seus instrumentos musicais, louvassem ao Senhor entoando-lhe cânticos de gratidão. Era apenas um sonho juvenil, mas no vigor de sua juventude, o maior prazer de Davi era alimentar tal possibilidade.

A estrela cadente pincelou de prata o céu de alto a baixo. Davi apoiou a harpa no ombro direito e com os dedos calejados pelo cajado que tanto prezava, espalhou no ar gélido as notas e as palavras de um cântico novo:

*Bendizei ao Senhor,*
*Todos que louvam e cantam ao Senhor*
*Nas horas da noite.*

*Erguei as mãos para o santuário*
*E bendizei ao Senhor*
*Que fez os céus e a terra.*

Quando o sol da manhã cobriu de alaranjado todo o vale, encontrou Davi dormindo sobre a pedra lisa.



Passaram-se os dias e em todos os cantos de Israel, desde Dã até Berseba e desde Ramote-Gileade até Betel, todas as tribos tinham notícias remotas de que Saul, o rei, estava combatendo os filisteus em algum vale mais ao sul, no entanto, a vida serena nas aldeias, cidades e campos daquela terra cheia de montes e fortalezas, cavernas e desertos, olivais e vinhedos nas encostas de colinas férteis e matas densas entre montanhas, aonde grande parte do povo vivia de maneira simples criando seus pequenos rebanhos de ovelhas, jumentos, cabras, bois e camelos —, continuou seguindo o seu curso calmo e corriqueiro.



Quase maternalmente o vento noturno acariciava as colinas ao redor de Belém e atrás do manto da noite o sol ensaiava o seu despontar. A mulher de pele queimada, cor de tâmara, e mãos grossas, despertou dentro do cômodo escuro, pôs-se em pé e enrolou a esteira chegando-a para debaixo da mureta rente à parede de tijolos de barro e palha. Depois estendeu a mão direita ao canto da prateleira e com habilidade na escuridão, apanhou um fio de palha que fez chegar ao braseiro, e a tímida centelha foi suficiente para acender o pavio da lâmpada. Enquanto o interior da casa iluminou-se fracamente, um cheiro de azeite fresco espalhou-se pelo ar. Firmando a ponta dos pés no chão de terra batida, a mulher debruçou a lâmpada sobre o velador e a chama projetou na parede uma sombra de tecidos e panos que escondiam a sua magreza. Reclinada, ela chegou as mãos a uma tigela bojuda e lavou o rosto com uma água qua-

se morna. Desperta, deixou o interior da casa e no quintal, sentou-se ao pé de uma videira que se alongava por alguns côvados. Quando o sol despontou sob a colina, a mulher já havia assado pelo menos seis pães de cevada para as refeições do dia. Antes de começar a separar cereais numa vasilha redonda e baixa, ela deu um sorriso modesto ao ver a silhueta do filho caçula atravessar a porta dos fundos. Davi passou entre os arbustos frutíferos e diante da mãe reclinou-se, beijando-lhe a testa.

— O cheiro do seu pão é o melhor cheiro da vida, ainda mais depois de caminhar dois dias pelo caminho escarpado.

— Todos voltaram?

— De Belém? Acho que sim. Das outras cidades, nem todos.

— Como foi a batalha?

— O ferro dos filisteus derrotou o bronze de Saul, e não menos que trinta israelitas deixaram o seu sangue misturado às águas do ribeiro — respondeu Davi degustando o pão recém assado.

— Isso já está virando ditado em nossa terra. Quando Israel terá armas tão poderosas como as dos inimigos?

Davi sorriu com o canto da boca.

— Senhora, é sabido que não existe um ferreiro sequer em todo o Israel e além de tudo, mais do que armas poderosas, Israel precisa é crer no poder do seu Deus.

— Isso lá é verdade!

A mulher fitou por um instante as casas enfileiradas da vizinhança e com o olhar distante disse ao filho:

— Preocupo-me com você Davi, mesmo que não participe dos combates de guerra e nem esteja nas frentes de batalha. Você é muito jovem e franzino para estar nesses lugares.

— Mãe, eu nunca deixo o acampamento. Ordens do rei. Só estou lá para aliviar os tormentos noturnos de Saul, os quais não são poucos.

— Nunca se sabe, há o perigo repentino de uma flecha tortuosa e além do mais, porque os tormentos do rei não cessam de vez?

— O que vejo na tenda real tenho que guardar para mim, mas de Dã até Berseba, todo Israel sabe que Saul não é o mesmo de antes. O espírito maligno que o atormenta parece ser cruel como uma serpente venenosa. Espero que a minha harpa e o meu canto continuem trazendo-lhe a paz tão necessária para um rei.

— Mas sinto a sua falta, seu pai, muito mais, a idade já lhe tornou ainda mais rude as agruras do pastoreio.

— Por isso ele mandou me chamar?

— O bom Jessé precisa de você no campo.

Nisso, a mulher já tinha escolhido mais do que uma porção diária de cereal e Davi saciado a sua indolente fome matinal.

— Agora entre e descanse um pouco para que seu pai volte do campo e encontre-o pronto para ajudá-lo.

— Com a sua benção.

Davi acariciou de leve o ombro da mãe e adentrou na modesta casa da família, enquanto ela ficou pensando que apesar de franzino, o filho caçula tinha uma ternura e uma esperteza que destacava-o dos irmãos mais velhos. *Pena que ele não foi a primícia do meu ventre*. A frase bateu-lhe no pensamento como um vinho novo desaguando num odre.

O sol alvorecendo, lá vinha a manhã de novo, tecendo de róseo o céu de nuvens espalhadas. Diante dos olhos embaçados do ancião, o horizonte banhado de montanhas arenosas e avermelhadas, provocou-lhe pensamentos longínquos. *Ó Israel, o que será de ti? O que o Senhor terá guardado para ti?* A multidão de dias não permitia mais ao velho alinhavar as lembranças que eram tantas e confusas ao mesmo tempo e salpicavam-lhe na mente cansada como ondas do mar embaladas por um vento desordeiro. Mesmo assim, o maior legado do ancião assentado à porta da casa de pedras que lhe fora

construída pela população de Ramá, eram as suas lembranças. *Agora Israel tem um rei de carne e osso! Amado Saul, essas mãos, hoje tão enrugadas, um dia te ungiram, mas você rejeitou a vontade do Senhor e por isso Ele te desprezou.*

Samuel — o profeta que julgara Israel por longas décadas, percorrendo as suas cidades de ano em ano, ensinando ao seu povo uma lealdade irrestrita ao Senhor e que unira as suas tribos além da cultura particular e do território de cada uma —, nos últimos anos decidira recolher-se à sua cidade natal, Ramá de Gileade. Apesar de haver quatorze anos que Saul reinava sobre aquele povo de hábitos tão peculiares, todo o Israel ainda tinha um profundo respeito por seu profeta que influenciara de maneira tão poderosa a nação após tantos séculos de decadência moral e afastamento de Jeová, o Senhor.

O velho inclinou-se e tossiu. *Amado Saul, há quanto não vejo os teus olhos? Mas acho que irei aos meus pais sem nunca mais ver-te o rosto.*

Sem deixar de mirar a cadeia de montanhas no horizonte distante, Samuel franziu a testa, fechou os olhos pausadamente e esforçou-se para trazer à memória o rosto de um jovem ruivo, filho de Jessé, o belemita, o qual havia quase seis anos ele ungira profeticamente para ser o futuro rei de Israel, isso, num ato significativo e derradeiro de sua atuação como juiz e profeta do povo que ele tanto amava. Apoiado no seu bordão, o velho profeta tentou diminuir o tremor incontido das mãos. *Ah! Israel, teu destino está com o Senhor. Você ainda conhecerá um rei segundo o coração do Senhor, um homem que Deus achou para si.*

Aos pés de Samuel, o servo assentou-se na sombra que o telhado da casa lançava ao chão, tirou um pedaço de bolo cozido de uma tigela de borda gasta e chegou-o diante da boca do ancião. Calmo e lentamente, Samuel pôs-se a mastigar. *Ah! Senhor, como é doce a cevada desses campos abençoados de nossa terra.*

Ali perto, numa casa de varanda ampla sustentada por duas colunas de pedras calcárias, o vozerio vigoroso de homens aglome-

rados ao redor de uma esteira forrada de vinhos e pães asmos, enchia de entusiasmo o ar sobre o Monte Efraim. Era a casa dos profetas. Algumas décadas antes, quando a unção de profeta sobre Samuel havia sido confirmada em todo o Israel, ele estabeleceu em Ramá, uma casa aonde ajuntava-se homens de todas as tribos cuja vocação espiritual estava voltada para o ofício de profeta. Ali, mais de duas gerações desses homens determinados foram instruídas por Samuel e o ambiente profético gerado naquela casa de cômodos espaçosos abençoou Israel por mais de quarenta anos. Mas, desde que Samuel se recolhera definitivamente a Ramá, sob o peso da decepção e da velhice, a influência daqueles homens sobre as tribos de Israel havia diminuído drasticamente. Agora o povo seguia um rei formoso de semblante e aflito de coração. No entanto, o entusiasmo sob a varanda dos profetas permanecia como uma relíquia que nem os novos tempos do reino haviam conseguido ofuscar.

O som do vozerio altissonante chegou aos ouvidos de Elã, o servo de Samuel, mas, aos do ancião, nem tanto. Os olhos do velho continuavam fixos no horizonte, a mente mais distante ainda. Diante dele, compenetrado em seus pensamentos, Elã, o servo dedicado que voluntariamente se comprometera a cuidar de Samuel para minimizar-lhe os sofrimentos da velhice, disse:

— Em lugar algum do mundo deve haver um amanhecer igual a esse sobre as montanhas de Efraim.

— Efraim... Judá... Dã... Manassés... Não há terra como essa que o Senhor prometeu e nos deu por herança. A voz de Samuel saiu pausada, os lábios balbuciando as palavras.

— Pena que esse povo escolheu no lugar de Deus um rei... um homem... Saul... cabelos negros, compridos... olhos como tâmaras... ombros largos. Samuel parecia falar com o vento, nem voltou-se para o servo, continuou mirando o horizonte.

— Ombros largos... coração estreito. O velho fez uma pausa.

— A beleza de nossa terra é mais bela que o coração de nossos príncipes... As montanhas de Efraim são mais fiéis umas às outras do que o seu rei é fiel ao Senhor.

— Você é magoado com Saul? — apesar da lentidão dos lábios de Samuel, Elã, atento às suas palavras, não resistiu em perguntar.

Quando o servo já concluíra que o silêncio seria a única resposta, ouviu o velho dizer:

— Magoado!?... Um profeta, mesmo velho como eu, não tem o direito de magoar-se. Saul foi como uma palmeira do campo plantada junto a um oásis... Formoso... Cresceu rápido... Forte, cheio de verdor... No entanto, quando veio a sequidão e o oásis fez-se areia, Saul tornou-se murcho e seco. Um arbusto ressequido de insensatez.

— Mas você era tão apegado a ele — disse Elã enquanto sorvia a água de uma botija.

— Saul foi para mim como um filho sobre quem o pai deposita a esperança de dias melhores.

— Porque você afastou-se de Saul, recolhendo-se aqui em Ramá?

— Nunca esquecerei os olhos negros de Saul. Nunca esquecerei de sua tolice em Gilgal... O dia em que sua rebeldia me fez entender que o Senhor o rejeitaria e daria o trono de Israel para outro... Meu mundo hoje é esta cadeira surrada e esta casa entre pedras. Meus filhos não seguiram os meus caminhos... O povo de Israel abandonou o Senhor para seguir um rei... O próprio Saul, a quem ainda sou afeiçoado, tornou-se insensato e aflito... Tudo isso fez firme a minha decisão de viver em Ramá até que meu espírito volte para Deus.

Samuel respirou fundo, tossiu repetidamente e então recompôs-se.

Lá embaixo, embrenhada no fundo da colina, uma junta de bois guiada por seu condutor rasgava o solo com a relha de arado lutando contra a piçarra. Samuel ateve-se à cena, e então, decidiu calar-se o restante do dia.

Era a estação das águas e a chuva ruidosa encharcava pelo segundo dia consecutivo espinheiros e cardos, murtas e juncos, além da vegetação rasteira nas redondezas de Gibeá de Benjamin. Escorrendo pelas torres da fortaleza as águas com seu barulho ritmado tornava a angústia do rei ainda mais aguçada. Desde algum tempo Saul não encontrava animo para coisa alguma. O confronto constante com os filisteus, que insistiam em dominar os termos de Israel além da rota marítima situada na faixa litorânea, já havia desgastado o monarca do novo reino ao extremo. Saul era agora um homem irritadiço, suas noites mal dormidas aumentavam ainda mais sua tendência a ser descontrolado, ora deprimido, ora soltando blasfêmias sem fim diante de guerreiros fiéis. Inconstante e às vezes insano, o estado de Saul preocupava muito seus filhos, Jônatas, Isvi e Malquisua, bem como as filhas Merabe e Mical. O jovem Jônatas que era o comandante da guarnição de mil guerreiros instalada no centro do país em Gibeá de Benjamin, via dia após dia a insanidade do pai manifestar-se confusa e insensata — mas corajoso, pois ao lado do exército permanente composto de guerreiros fortes e arrojados já demonstrara sua bravura e impulsão por destemidas batalhas, ele tinha como único intento nos tempos de breve paz, quando depostas a espada e a lança, animar o coração de seu pai na esperança de que Saul mudasse de atitude e de semblante.

No interior da modesta fortaleza que Saul ordenara, anos atrás, que lhe fosse construída como casa real, o rei perambulava inquieto e sua falta de tranquilidade era conhecida de todos os familiares, servos e guerreiros que ali conviviam e trabalhavam.

Os conflitos de guerra entre israelitas e filisteus eram tão antigos quanto a história de Israel. Poucos anos depois dos ancestrais de Saul, Jônatas e Davi se estabelecerem na terra de Canaã sob a liderança de Josué, surgiu repentinamente na costa litorânea um povo marítimo vindo ninguém sabia da onde. Eram os filisteus. Avançaram em pesados carros de bois com rodas maciças e puxados

por fortes zebus, carregados de utensílios domésticos e mantimentos, com mulheres e crianças ao redor como poeira. Na vanguarda, milhares de homens armados, incontáveis, marchando, as espadas de bronze e os escudos redondos, prontos para devorar qualquer outro povo pelo caminho. Ao longe, como uma espessa nuvem de gafanhotos, amedrontando beduínos e tribos, povoações e vilarejos. De onde vinham, não havia sequer uma notícia. A imensa caravana foi avistada rumando para o sul ao longo da costa litorânea junto ao Mar Grande. Na mesma direção, sobre as ondas verdes navegava uma indescritível frota de navios de lemes altos com homens a bordo empunhando armas de mão.

Por onde passava a aterradora multidão de guerreiros deixava atrás de si ruínas, incêndios e campos desolados. Ninguém podia detê-los. Diante deles iam caindo cidades e povoações. A poderosa fortaleza de Hatusa no Rio Itálio foi destruída em dias. Em Tarso, pilharam os tesouros das minas de prata e junto às jazidas de minérios roubaram o segredo da fabricação do metal mais valioso da época, o ferro.

A frota de conquistadores estrangeiros desembarcou em Chipre e ocupou a ilha. Por terra, a caravana prosseguiu e penetrou na Síria, chegando ao Eufrates e adentrou pelo Vale de Orontes. Sem conseguirem resistir ao avanço por terra e mar, sucumbiram também as ricas cidades marítimas da Fenícia, Biblos, Sidom e Tiro. A fumaça como sinal de destruição foi avistada ao longe entre as povoações da fértil planície da costa litorânea de Canaã. Somente as fortalezas dos cananeus não haviam sido destruídas. No entanto, a avalanche humana continuou seguindo por terra e mar na direção do delta do Rio Nilo no grande Egito.

Os egípcios, sabendo que ninguém havia resistido à destruição impetrada pelos filisteus e que aquele povo estrangeiro, destruidor insaciável, estava em marcha para o Egito, preparam-se febrilmente. Reforçaram as fronteiras, armaram os príncipes, os comandantes das guarnições e os guerreiros com muitas armas e

protegeram as embocaduras do Rio Nilo com navios e galeras de guerra, guarnecidas de popa a proa com valentes soldados. Tropas sem fim de homens escolhidos ocuparam as montanhas, carros de guerra guiados por corredores treinados, com ímpeto, formaram centenas de fileiras, e com um exército enorme composto de guerreiros aptos para o combate, o Egito partiu ao encontro das hostes estrangeiras para uma grande batalha campal.

Dias depois, os egípcios penetraram no meio da multidão de filisteus. Entre pesados carros de bois, homens armados, mulheres e crianças, desencadeou-se uma terrível carnificina. Amontoaram-se os corpos dos mortos sob as patas de bois e cavalos. Os egípcios saquearam os carros de bois e incendiaram os despojos. A fumaça subiu a céu aberto, espalhando muito distante o cheiro de carne humana queimada.

Enquanto isso no mar o vento cessou e a calmaria fez com que as velas dos navios filisteus fossem recolhidas antes das embarcações egípcias aproximarem-se aos bandos. Uma grande desvantagem para os estrangeiros marítimos, seus navios ficaram impossibilitados de manobrar, enquanto que as galeras egípcias equipadas com remadores aproximaram-se dos barcos inimigos até uma distância prudente. Prontos para a batalha, mas indefesos, os guerreiros filisteus empunhando espadas e lanças que apenas serviam para a luta corpo a corpo, só fizeram esperar, enquanto os barcos do Egito, dispostos lado a lado, oscilavam sobre as águas. Então, foi dada a ordem de disparar os arcos egípcios e uma chuva de flechas mortíferas desabou sobre os estrangeiros. Traspassados às massas, os corpos dos mortos e dos gravemente feridos flutuaram nas ondas.

Dizimados os inimigos, os egípcios aproximaram-se e puseram a pique seus navios. Finalmente, os filisteus que escaparam vivos das flechas foram abatidos nas praias pelos soldados de Faraó ou aprisionados.

Para saber o número dos inimigos aniquilados, as mãos dos mortos e feridos foram cortadas, contadas e reunidas num monte.

Os prisioneiros dispostos em fileiras foram interrogados por oficiais egípcios e depois marcados com fogo na pele com o nome de Faraó.

Poucas décadas após essa grande derrota, os filisteus se multiplicaram e se estabeleceram na planície da costa sul de Canaã, a fértil faixa litorânea de terra pardacenta entre as montanhas de Judá e o Mar Grande. Fundaram ali cinco cidades principais, Asdode, Gaza, Asquelom, Gate e Ecrom. Cada cidade, com as terras adjacentes cultivadas por homens sob o comando de um chefe, passou a ser governada por um senhor filisteu que possuía independência própria, mas que sempre se unia aos reis das outras cidades nas questões de poder e guerra.

Já ia muito tempo que tudo isso acontecera e assim os filisteus haviam tornado-se como um espinho amargo e venenoso atravessado na garganta de Israel, e desde quando o profeta Samuel era uma criança, esses inimigos fortaleceram-se ainda mais com carros de guerra, cavalos e armas de ferro, e só não devassaram Israel de todo porque um poder maior cobria aquelas tribos, organizadas agora como um reino, a mão de Jeová.

Jessé, o efrateu belemita, ofegante, na hora mais quente do dia, aproximou-se do poço tão antigo quanto as pedras que o rodeavam. O suor abundante encharcava-lhe a testa magra e ressecada de sol. Com um gesto ágil ele tirou o pano dobrado que protegia a cabeça e sentou-se à beira do poço. Enquanto seu rosto clamava por água fresca, ele esticou o braço marcado com veias saltadas e lançou a vasilha poço abaixo. Quando encontrou a superfície da água, o barro produziu um balido curto e oco que ecoou pelo paredão de pedras recoberto de musgos.

O poço cavado havia gerações, já suprira a sede de muitos rebanhos e homens. Como aquele, apesar de escassos, os poços de água potável eram imprescindíveis à sobrevivência dos pastores e ovelhas dos campos de Israel, desde a época remota em que Abraão,

o patriarca da nação, havia peregrinado por aquelas terras, e tão necessários, que por vezes, eram o motivo de disputas acirradas entre os donos de ovelhas e gado. Aquele não era um poço diferente, o único entre tantas colinas verdejantes. Na busca por pastagens distantes o lugar do poço inseria-se na trilha percorrida regularmente pelos pastores de Belém e redondezas.

Enquanto Jessé lavava o rosto, ao mesmo tempo em que bebia o excesso de água que vertia-lhe pela face, Davi, cabelo vermelho ao vento soprado da região litorânea, cercava as ovelhas e as cabras postado na cabeceira do modesto e cansado rebanho.

No encontro da colina baixa com o vale extenso, com um silvo breve produzido pelos lábios sobrepostos, Davi começou a juntar os animais à volta do poço. Alvoroçadas, as cabras malhadas encostaram primeiro junto ao tanque de forma oval que lhes servia de bebedouro. Por força do hábito, berraram incontinentes, pois a garganta seca aguardava com avidez o necessário abastecimento. As ovelhas, mais lerdas, no entanto mais robustas, com cabeçadas espantaram as cabras, tomando a linha de frente ao redor do tanque.

— É a época mais quente do ano, mas hoje está insuportável — disse Davi.

— Sinal de chuva nova — afirmou Jessé.

— Pouca é que não será.

Jessé começou a tirar água do poço para dar às ovelhas, mas instantaneamente Davi colocou a vara e o cutelo sobre a borda de pedras e adiantou-se ao pai:

— Não é necessário fazer mais isso quando estou aqui.

Depois de muitas idas e vindas da corda presa à vasilha, a sede do rebanho foi saciada. Quando a última cabra parou de engolir os goles d'água, o estado dos animais já era outro, calmos e passivos, passaram a desprender berros de contentamento.

Para descansar da exaustiva caminhada até ali, pai e filho, olhos atentos às ovelhas e às cabras, sentaram-se à sombra da acácia a poucos passos do poço.

Recompondo a respiração, Davi jogou o odre das costas ao colo e num único gesto brusco, puxou para fora a tampa feita de osso enrolada em couro. Odre inclinado ao azul do céu, sorveu o vinho saboroso feito de uvas que a própria família pisara. Ao redor da maioria das casas de Belém, uma videira sempre saudava os que passavam e a safra anual do vinho caseiro era guardada em odres recolhidos nos terraços das casas. Além de manter saudável quem bebesse, um pouco de vinho confortava qualquer pastor em seu duro ofício.

Jessé recolheu o pano da manga e apoiou o cotovelo na areia farelenta.

— Samá, Eliabe e Abinadabe se alistarão no exército do rei em Micmás, a guarnição maior e de guerreiros mais fortes.

Davi percebeu nas palavras do pai uma mistura de orgulho e preocupação.

— Meus irmãos mais velhos são como as abelhas da campina do Jordão.

— Como assim?!

— Não tem medo nem de picar o focinho de um leão.

— Tê-los ao lado do rei é perdê-los de vez. Não queria passar o restante de meus dias separado deles.

— Lembra quando o rei Saul conseguiu ajuntar mais de trezentos mil homens para combater Naás, o rei dos amonitas, e livrou Jabes-Gileade da destruição? — perguntou Davi ao pai.

— Nunca mais se viu tamanha movimentação de nossos irmãos israelitas. As partes sangrentas de um boi em todos os termos do país fizeram forte a voz de Saul que dizia: Assim se fará aos bois de qualquer homem que não sair após Saul.

— Pois então meu pai, muitos guerreiros que hoje estão com o rei foram levantados devido à coragem demonstrada na vigília daquela manhã inesquecível no arraial de Amon. Com certeza, meus irmãos também serão bem sucedidos ao lado do rei Saul.

— Impossível não é, pois qualidades não lhes faltam. Só não sei se compensa o risco.

Jessé tinha uma inclinação paterna indisfarçável pelos filhos mais velhos, no entanto, por causa da companhia no pastoreio, de todos eles, Davi era o filho com quem mais conversava.

— Melhor assim, porque pastorear ovelhas é que eles não vão — afirmou Davi enquanto comia uma tâmara. Nesse momento a sua voz tinha um velado rancor. Nenhum de seus sete irmãos havia dedicado-se como ele àquilo que era o motivo da sobrevivência da família, o escasso rebanho de cabras e ovelhas.

— Oportunidades melhores hão de encontrá-los no caminho da vida — disse Jessé mirando o vazio.

— Que assim seja, porque o rude e cansativo ofício do pastoreio não lhes motiva nem um pouco meu pai.

Percebendo a sisudez das palavras de Davi, Jessé endireitou as costas, cruzou os pés sobre as coxas e acrescentou com firmeza um elogio:

— Mas um pastor de ovelhas também é alguém que casou-se com a coragem.

— Os calos do cajado em suas mãos não dizem outra coisa.

— Deixe seus irmãos irem pelo caminho que a vontade do Senhor determinar e siga você o ofício de seu pai, pois isto é o que Deus preparou para toda a sua vida.

— Sabe-se lá, meu pai!

O vento soprou com força sobre as numerosas flores brancas dispostas na encosta da colina e espalhou a fragância perfumada das murtas sobre os homens e o rebanho, anunciando que a hora

mais quente do dia havia passado. Jessé e Davi levantaram-se, pois antes do sol despedir-se no horizonte, pai e filho ainda tinham que galgar montes escarpados e desfiladeiros íngremes até as pastagens férteis à beira da densa floresta que forrava a campina do Jordão.

A pele morena de Mical ganhava uma beleza maior com as especiarias, aromas e óleos com os quais aquela filha de Saul tanto gostava de se banhar. A exuberância de seus cabelos negros, lisos e compridos era digna de cobrir a cabeça de qualquer princesa. Acompanhando sua formosura tão bem cuidada havia um coração feminino sensível e mimado pelo pai e pelos homens, no entanto, alguns de seus irmãos achavam que o único talento da moça era a destreza para pentear-se, mas na verdade, além da beleza nata, ela tinha uma atitude destemida e determinada.

Mical se acostumara ao intenso movimento dos guerreiros do exército de Saul que viviam circulando pela fortaleza em Gibeá, por isso, ciente da afeição do rei, pediu-lhe um quarto separado, e assim, Saul edificou uma torre nova num canto escarpado à direita da fortaleza e sobre ela colocou os aposentos da filha.

Saul era apegado a Mical mais do que a todas as outras filhas, e dos filhos homens, Jônatas era o seu primogênito e o preferido. O pai orgulhava-se da doce beleza de Mical e da bravura desmedida de Jônatas e enquanto Mical enfeitava a rústica realeza israelita em Gibeá, Jônatas, com sua coragem, comandava o exército nas frentes de batalha.

Saul defrontava-se com dificuldades insistentes como rei, no entanto bem que poderia ser um pai feliz, mas nem isso lhe saciava os olhos, pois seu coração agitado conturbava-se cada vez mais, embalado pelo espírito maligno que o atormentava e para não se acumular de infortúnios, Mical preferia ficar retirada em seus aposentos nos dias em que o pai parecia estar fora de si.

Numa dessas noites, o rei bateu-lhe à porta e Mical assustou-se quando viu o semblante do pai sombreado por manchas escuras sob a verga da porta. Apenas os olhos negros, cheios de pavor, fulguravam à luz da lâmpada cuja chama tremulava acima de seus ombros largos.

— Não se assuste, só vim vê-la um pouco.

— Entre.

— Não. Quero que venha comigo sentar-se na mureta de sua varanda, contemplar comigo as estrelas, quem sabe sorrir um pouco.

Assim que a filha passou pela porta, Saul, com fôlego de sobra, apagou a chama da lâmpada.

Quando chegaram na mureta cercada de arrudas cobertas de flores novas, o céu noturno cheio de brilho refletiu de prata o rosto de ambos. Ali podia-se notar como Mical tinha os traços do pai.

— Ah! Se o número dos guerreiros de Israel fosse parecido com o das estrelas — disse Saul contemplando a noite.

— Não foi isso que Deus prometeu a Abraão?

— Mas foi há muito tempo, numa época em que não havia tantas guerras. Sabe-se lá, talvez nem existissem filisteus.

— É, tempos de mais calmaria.

— E provavelmente mais agradáveis. Melhor era morar em tendas do que em fortalezas. Mais valiosa a paz com os habitantes da terra do que enfrentá-los todos os dias. Talvez as donzelas fossem mais felizes.

— Não tanto como eu.

— Que bom minha filha. Essas palavras são um alento à minha falta de sono.

As horas seguiram-se e pai e filha permaneceram sob o teto de estrelas cujo esplendor só foi aumentando, e por toda a sua vida, Mical jamais se esqueceria daquela noite e de como seu pai valente, intempestivo, rude de palavras e bruto nos gestos, tinha ainda guar-

dado dentro de si, em algum esconderijo de sua alma, uma terna doçura que a abençoara de forma tão duradoura.



Havia séculos que a via litorânea era usada pelos egípcios e desde então tornara-se a estrada principal entre os povos do norte e do sul. Diante do território israelita essa longa faixa à beira mar que abrigava a rota usada por caravanas sem fim era ocupada pelo domínio dos filisteus. Por isso, o maior interesse dos reis das cinco cidades em atacar Israel continuamente, não era o de ganhar as suas terras, senão o de manter o controle do litoral e de sua estrada permanecendo com o usufruto da lucrativa cobrança de tributos às centenas de mercadores que por ali faziam passar seus camelos e manadas de bois, ovelhas e cabras, cereais e tecidos, couros, panos de tendas, armas e metais. Qualquer caravana que descesse ao Egito ou subisse para o Líbano e a Síria, obrigatoriamente deixava parte de seu carregamento nas mãos dos filisteus, e como a única alternativa para não perder em tributos era seguir pela perigosa e demorada rota escarpada a qual cruzava as colinas e montes da região montanhosa, o prejuízo acabava compensado pelo tempo, cansaço e vidas poupadas. Melhor um filisteu armado do que um monte escarpado, tornou-se por causa disto o ditado mais comum entre os mercadores.



O rebanho de ovelhas ruminando a relva baixa que se estendia aos pés de árvores espalhadas entre a densa mata que cobria o vale era um sinal evidente de que a estação das águas havia chegado. A melhor pastagem que o ano podia oferecer compensava o itinerário de dias e noites desde Belém até o Jordão, enfrentando o perigo de ataques repentinos de ursos e leões famintos. Nessa região quem pastoreava ovelhas, redobrava a atenção dada ao rebanho. Os olhos, o olfato, os ouvidos aguçados, tudo o que fosse possível, um pastor experiente usava para vigiar as suas ovelhas. Com Davi

naquela tarde não era diferente, pois todos os seus sentidos procuravam captar o que ocorria ao seu redor.

Não levou mais que um instante, no entanto, bastou para seus ouvidos perceberem o rugido de um leão novo que deveria estar muito próximo. Sobressaltado, Davi subiu sobre os próprios pés e estirou com firmeza os dedos sobre a relva. Seus olhos percorreram as extremidades do rebanho e localizaram do lado direito uma ovelha inquieta e ao mesmo tempo imobilizada de medo. Quando viu isso, Davi deixou seu lugar de guarda e correu quase desesperado na direção da ovelha. Ele avançou não mais que quinze passos e um arbusto empurrado pelo corpo do leão esguio balançou-se atrás da ovelha. Davi alargou mais as passadas e instintivamente aumentou o compasso das pernas. Com o cutelo preso na mão cerrada, seu intento era espantar a ovelha antes do ataque feroz. Não houve tempo. Ainda no ar, os dentes do leão cravaram-se nas patas traseiras e a ovelha, depois de relutar com dois ou três pulinhos, foi ao chão, pronta para tornar-se uma presa fácil da mandíbula coroada de dentes afiados. Enquanto isso o restante do rebanho alvoroçou-se e nem percebeu Davi, como um vulto ruivo, lançar-se sobre as costas do leão coberta de músculos, enquanto o animal liberando o seu instinto selvagem abocanhava a ovelha como um apetitoso troféu.

O preciso golpe do cutelo foi tão repentino e violento que fez o leão abdicar de sua fome voraz em troca de um embaçamento nos olhos. Enquanto a ovelha ferida, manquejando, aos berros afastou-se do raio da luta, outros golpes, numa sequência rápida e quase ininterrupta atingiram a cabeça do leão que não conseguiu mirar, nem por um instante sequer o rosto daquele que o golpeava, só sentia uma franzina e incômoda mão apegada-lhe à juba, e não demorou muito para que a ferocidade do leão desse lugar a um desmaio.

Davi, ofegante, reteve o cutelo manchado de sangue suspenso no ar e, de repente, a raiva que lhe corria nas veias misturou-se a uma ternura que ele não sabia da onde vinha, mesmo assim sua

experiência de pastor impulsionou-lhe ao golpe fatal, pois ele sabia que jamais um leão como aquele poderia ser alvo da misericórdia de um guardião de ovelhas. O cutelo rasgou o ar e após o som oco, seguiu-se um silêncio duradouro.

O sangue sobre Davi era tão quente e denso, que mesmo antes de levantar-se, já havia lhe endurecido partes das vestes.

O pastorzinho olhou para a ovelha ferida, imóvel a pouca distância diante dele, e exausto e ofegante, lançou-se para trás sobre a relva. Com o sol batendo-lhe no rosto, levou um tempo até recuperar o fôlego e restabelecer-se do imenso susto, enquanto seu coração ainda pulsava freneticamente. Primeiro a respiração voltou ao normal, depois a palidez do rosto se foi e enfim, Davi, de novo, sentiu as mãos antes dormentes e respirou fundo, duas, três vezes, então levantou-se.

Depois de todo aquele alvoroço o rebanho, por necessidade, costume e carência, estava novamente ao redor dele, e três, quatro ovelhas, chegaram-se vagarosamente com curiosidade ao lado da que havia sido ferida. Posto em pé, os olhos de Davi negaram-se a mirar o leão morto em prol de contemplar os ferimentos da ovelha aflita. Depressa, aproximou-se dela e com um pouco de azeite retirado do pequeno alforge limpou-lhe o sangue escorrido, em seguida, com calma e habilidade deitou a ovelha aos seus pés e averiguou minuciosamente cada ferimento por debaixo da lã e constatou que o mais grave deles era um corte acima da primeira junta de uma das pernas traseiras. Sem soltar a ovelha, ele mergulhou uma das mãos no unguento caseiro que sempre levava no alforje quando saía para o pastoreio e com os dedos embebidos da mistura, apertou com firmeza o ferimento.

Quando a ovelha foi solta, não menos que a metade de uma hora havia se passado e Davi já tinha a certeza de que, por causa daquela ovelha ferida, seria necessário agora que todo o rebanho permanecesse pelo menos três dias sem caminhadas para lugar algum.

O consolo veio para ele quando a noite estendeu-se calma como um capricho esplendoroso sobre pastor e rebanho.



Aquele ano chegou ao fim tecido por dias de sol escaldante. Apesar de tantos ataques dos inimigos que habitavam ao redor daquela terra frugal, as tribos de Israel haviam armazenado os frutos de abundantes colheitas. O povo, como já era costume enraizado da nação, estava festivo. Cada cidade e vilarejo recheava-se com o som de címbalos e alaúdes com suas vielas ocupadas por belas moças israelitas que dançavam carregando tamborins.

O rei Saul acompanhado de uma comitiva de servos e guerreiros, aproveitou a ocasião para percorrer as principais cidades. Mesmo com suas atitudes intempestivas, diante dos olhos do povo, ele ainda era um rei formoso e valente, que, por onde passava, apenas com o seu porte avantajado transmitia contentamento sem medida até ao mais incrédulo dos súditos.

Hebrom, Betel, Gilgal, Siquém, em cada uma dessas cidades, Saul ouviu publicamente cantigas que exaltavam a sua formosura, determinação e valentia. Nos portões, nas ruelas e nas praças, a voz das mulheres encheram de alegria e orgulho o coração do rude soberano. S*e a vida fosse sempre assim, a espada seria deposta e a harpa tornar-se-ia o único instrumento do nosso cotidiano*, chegou a pensar o comandante Abner sem deixar a rigidez do rosto. Já Jônatas absorveu uma alegria guardada somente para si, ao ver por onde passou acompanhando o pai, que o povo israelita ainda reconhecia a soberania de Jeová sobre o campo, o plantio e a colheita.

Como a comitiva voltou a Gileade sem passar por Belém, deixou de ver a festa dos pastores e suas famílias pela abençoada e farta tosquia de suas ovelhas durante todo aquele ano, nem viu Davi, rodeado de amigos, saltando pelas ruas numa felicidade inspirada pelo fato de tanta dádiva divina.



Em Nobe, cidade situada ao sul de Gibeá, junto a Jebus, os quase noventa sacerdotes ornamentados com estolas de linho fino estavam agrupados ao redor de uma enorme e antiga figueira. Com o vento fazendo tremular suas vestes sacerdotais, Aimeleque, o sumo sacerdote, segurava o incensário, cuja fumaça seguia com agilidade o curso do vento. O cerimonial de gratidão ao Senhor Deus de Israel terminou com as estolas dos sacerdotes avermelhadas pelo reflexo do sol declinando no horizonte. Ao longe, podia-se sentir o cheiro do sangue dos animais sacrificados durante todo aquele dia, um testemunho de que, encravado entre montanhas, desertos, vales e planícies, mesmo possuindo um rei de carne e osso, Israel ainda era uma nação que lembrava-se do Senhor seu Deus.

Eliabe, Samá e Abinadade, os irmãos mais velhos de Davi, ingressados nas fileiras do exército fixo do rei Saul, tinham agora o orgulho militar israelita correndo-lhes nas veias. *Novos tempos, novos rumos. Israel ainda há de conquistar filisteus e outros mais. Pela espada de Saul, Jônatas e seus mil valentes.* Os pensamentos juvenis de Eliabe eram puro ânimo para seus músculos bem formados. Ríspido, queixo liso e longo, olhos claros, ombros largos, estatura avantajada, o primogênito de Jessé impressionava até os olhares mais desatentos. Já Samá e Abinadade não se igualavam ao seu porte físico, mas ainda assim eram robustos e fortes. Eliabe estava servindo na guarnição sob as ordens de Jônatas, enquanto os outros seguiam o comando de Abner. Para matar ou morrer. Se preciso, dar a vida pelo rei. Se necessário deixar o próprio sangue marcar a terra prometida com bravura. A brutalidade era a característica marcante daqueles jovens na flor da idade que formavam os exércitos de Israel. Espada, lança, escudo e peitoral de bronze, significavam mais do que qualquer outra coisa. Famílias inteiras deixadas para trás em tribos longínquas ou próximas, não davam o direito de se abater à saudade. Seguir fielmente o rei em itinerários, andanças e guerras era o chamado mais nobre da juventude israelita, pois a valentia e a fibra

guerreira de Saul inspirava qualquer jovem que por impulso pessoal aspirasse as fileiras militares, os confrontos corporais das guerras e as manobras exigentes de músculos e preparo corporal. E com Eliabe, Samá e Abinadade não tinha sido diferente.



O céu estava rubro. Nuvens carregadas escureciam as nascentes do Jordão até que desaguaram sobre a região uma chuva torrencial. Os camponeses ao fitarem o céu logo pela manhã, haviam com perícia previsto o fato, e por isso, todas as cisternas estavam destampadas e o bojo de cada uma delas recolhia agora a fartura da chuva que era vital para a sobrevivência da população beduína que habitava junto às montanhas na extremidade norte de Israel. A chuva sempre era um presente do alto e a água sua dádiva mais preciosa, água para o gado, o campo, a família e o povo, água cujo valor não se podia comparar nem com o ouro.

Naqueles dias viver naquela região era um desafio cotidiano de fé e persistência. Ventos intempestuosos, tempestades de areia, nevascas, frio congelante, solo farelento e argiloso, ali, para um homem sustentar a família, exigia ter raiz na coragem e mãos calejadas dadas a muito trabalho.

Chovia torrencialmente e um dos lavradores da tribo de Naftali, à porta de sua tenda coberta de peles de cabras ficou contemplando a água que desabava, os pequenos filetes escorrendo volumosos, cavando sulcos na areia. De repente, o homem virou-se para a mulher abraçada aos filhos e sorriu com o canto dos lábios, o seu contentamento vinha do fato de que o outro dia seria um dia de recomeços, dia de sentir cheiros incomuns, dia a impulsionar qualquer homem de Naftali, habitante de tendas no deserto, a prosseguir. *Pensam: Baal é deus comandante das chuvas, mas nem sequer imaginam que é o Senhor, o Majestoso, quem rega nossa terra com essa água valiosa.*

O homem estendeu uma das mãos à chuva, depois levantou-a sobre a cabeça e molhou os cabelos, e então, sorriu com mais satisfação ainda.

O rei Saul, não sabia-se o motivo, estava mais calmo, menos irritadiço, um pouco mais gordo é verdade, no entanto, mais leve na aparência, por isso havia algum tempo que Davi não era convocado para prestar-lhe o serviço de músico dedilhando-lhe o *kinor.*

Como era o sábado e a chuva fina parecia colada ao céu de Belém, Davi aproveitou o dia sob a palmeira, solitário, adorando ao Senhor ao som de cânticos recém chegados aos seus ouvidos suaves. Quando entardeceu, ele sentiu um temor incomum, não como esses que todo homem sente de vez em quando, mas uma intensa percepção de que o zelo do Deus Todo-Poderoso estava invadindo-lhe a alma. Naquele momento, por experiência, Davi fez seu coração calar-se quase imediatamente e as horas pareceram instantes, até que uma voz soou-lhe no íntimo do espírito:

— Quando você for rei de Israel, colocarei os seus inimigos debaixo de seus pés e farei o seu nome conhecido como o nome dos grandes que há na Terra.

Essas palavras ecoaram na alma de Davi com tanta intensidade que seus pensamentos imobilizaram-se nelas por muito tempo e antes de pegar no sono naquela noite, mirando o teto de barro e palha da casa da família em Belém, ele foi envolvido pelas lembranças do dia em que o profeta Samuel havia descido até a sua aldeia e convocado Jessé e os filhos para o sacrifício da tarde. Na ocasião ele não havia entendido o motivo porque o pai o dispensara de tamanha honra, convocando-o para vigiar o rebanho, e por isso ficara no campo, pensando o que o velho profeta, cuja figura tanto o impressionara, estaria fazendo enquanto ele cercado de ovelhas contemplava o crepúsculo cobrindo-lhe a cabeça franzina.

Enquanto as horas noturnas avançaram, as lembranças borbulharam na mente de Davi. Lembrou-se, que no campo, já escura a noite, ouvira a voz de um amigo, dizendo-lhe para ir de volta a Belém.

— O profeta Samuel mandou te chamar. Toda a sua família está ao redor, mas nenhum sacrifício acontecerá até que você chegue.

Quase sete anos já se iam, mas naquela noite, para Davi, era como se estivesse acontecendo tudo de novo, tão vívidas as lembranças.

Deus havia rejeitado Saul como rei ainda no primeiro ano de seu reinado, devido a séria e indesculpável desobediência em Gilgal.

— Com todo o Israel reunido ao seu redor em Gilgal, sete dias me esperará, e então irei para fazer holocaustos e ofertas pacíficas. Inseguro, quando Saul viu que se cumpria o tempo aprazado e que Samuel não aparecia, cercado por trinta mil carros e seis mil cavaleiros filisteus, agravando que o povo dispersava-se, pensou: *Se sou rei, também posso ser sacerdote*, e mandou executar o sacrifício. O sangue do segundo animal nem bem ainda havia sido derramado, quando apareceu Samuel ao arraial. Diante da cena, a fúria de Samuel culminou na frase:

— Hoje o Senhor poderia ter confirmado o seu reino sobre Israel para sempre, mas agora não subsistirá o seu reino, pois o Senhor já tem buscado e achou para si um homem segundo o seu coração, e já lhe tem determinado o Senhor, que seja chefe sobre o seu povo no seu lugar, porquanto você não guardou o que o Senhor ordenou.

Esses fatos nunca nem de perto chegaram ao conhecimento de Davi, mas Samuel sabia bem porque havia descido a Belém, para ungir o futuro rei que Deus havia escolhido, um rei segundo o seu coração.

Estirado na esteira, Davi reviveu a cena de sua entrada junto com o amigo no lugar aonde Samuel, alguns anciãos de Belém, seu pai Jessé e todos os seus irmãos, estavam reunidos sustentando um silêncio que pesava o ar, e ali ouvira o profeta dizer:

— Chegue para cá jovenzinho, enquanto o contemplara demoradamente com os olhos profundos.

— Ajoelhe-se.

Quando os joelhos franzinos de Davi tocaram o chão rude, ele sentiu uma das mãos de Samuel segurar-lhe o pescoço com firmeza e em seguida, um azeite aromático começou a escorrer-lhe pelos cabelos vermelhos, e enquanto o óleo desceu por dentro da gola de suas vestes, Davi sentiu uma presença divina apoderando-se dele, algo que depois ele não conseguiu descrever para ninguém, apenas guardou para si. Durante a unção o profeta Samuel não havia proferido uma palavra sequer, mas Davi soubera que algo sobrenatural havia acontecido com ele naquele dia, no entanto, não compreendera o significado. Assim foi até aquele sábado. Remoendo essas lembranças, contemplando o teto sobre si, naquela noite Davi demorou para dormir, e antes de pegar no sono entendeu que o azeite que o profeta Samuel havia derramado sobre ele era a unção para ser o futuro rei de Israel. Quando adormeceu fechou os olhos embalado por um pensamento: *Por isso que desde aquele dia sinto tanto a presença de Jeová na minha vida.*

No despontar do sol, Davi ainda estava tomado por aquele temor que não podia ser expressado em palavras.

A caravana de camelos percorria a faixa litorânea nas proximidades de Gaza, e de longe parecia uma serpente arrastando-se sobre a areia. Para os siros que a conduziam envoltos em panos da cabeça aos pés, a Síria era agora uma terra muito longínqua deixada para trás há muitos dias e noites. Banhada de sol e acumulada de suores, a pele dos homens sob a vestimenta era uma crosta azulada e

áspera e as rugas de seus rostos, de tão fundas, pareciam talhadas por um artesão. O Egito, aonde seria descarregada a carga de tecidos finos e peças de ouro nobre que já feriam os lombos dos camelos, ainda estava a vinte e dois dias de viagem, uma jornada longa e extenuante.

Diante dos muros de Gaza, o chefe condutor da caravana passou o camelo acizentado à frente. O coletor filisteu cercado de soldados, aproximou-se e pediu para abrir o grande baú de forma oval. Quando a luz do dia penetrou além da cobertura, utensílios de ouro refletiram o sol com intensidade e o coletor sorriu largamente mostrando os dentes apodrecidos, depois contou todos os camelos e disse sem deixar de sorrir:

— Basta por tributo!

— Desafrouxem o baú — murmurou o siro, de quem um odor forte, quase palpável, espalhou-se às narinas dos soldados filisteus que avançaram juntos a recolher o ouro valioso.

Quando a comitiva de filisteus afastou-se da caravana, o chefe condutor instigou o camelo acizentado com tamanha habilidade que rapidamente o enorme animal se pôs em pé novamente e pronto para prosseguir a jornada, ainda mais que agora era conduzir o próprio peso sem carga alguma. Depois de alguns passos pausados, olhando Gaza à sua direita, o siro cuspiu uma saliva seca de encontro à areia e praguejou no ar uma maldição que só ele entendeu, esperando que ela repousasse sobre a cidade.

Ao oriente de Belém, a densa floresta de carvalhos estendia-se como uma veia verde acompanhando o tortuoso Rio Jordão e ali amontoavam-se animais, pássaros e insetos.

Ao amanhecer, a melodia de silvos, cantos e gorjeios das aves enchia as copas das árvores. Para embrenhar-se naquelas paragens era preciso coragem e experiência, coisas essas que não faltavam ao pastor Davi. Como naqueles dias ele não estava apascentando ove-

lhas, e livre de qualquer outro ofício, sozinho, acampado na forragem verde, apenas apreciando a paisagem e a criação ao seu redor, ele absorvia num silêncio interior o movimento, a beleza e a harmonia de tudo que pairava à sua volta. Davi amava viver assim, se pudesse passaria a maioria de seus dias acompanhado apenas da natureza que tanto amava, em solitude, somente permitindo que a voz de Deus ecoando através da criação cavasse cada vez mais profundo na sua alma a capacidade de assimilar as riquezas gloriosas do seu Senhor.

Amanheceu de vez e a neblina sobre as copas dos carvalhos anunciava um dia ensolarado. Um filete de sol resplandeceu entre as folhas e cintilou de vermelho os troncos das árvores à frente de Davi. Ele fechou os olhos, respirou fundo e sua alma alegre sorriu para Deus. *Deixe-me ficar aqui em sua presença. Nada mais quero. Nada mais almejo. A minha alma tem sede somente de ti. Deixe-me apenas ficar contigo.* Não houve resposta. Não precisava. O espírito de Davi estava imerso em uma harmoniosa paz, aquela que só a presença divina que ele tanto conhecia era capaz de oferecer. Ali, ele sentiu como se um bálsamo da mirra mais preciosa estivesse sendo derramado sobre o seu corpo, como se um óleo fresco e aromático escorresse por sua cabeça, como se o indizível e majestoso lhe povoasse os pensamentos.

O dia passou calmo e ao entardecer o espetáculo de centenas de aves brancas que migravam naquela época do ano, contrastando com o alaranjado do crepúsculo, fez mais um cântico a Deus explodir dentro da alma pacífica de Davi.